Aufklärung
Revista de Filosofia
AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.2, Out., 2026, p.1-12 / e.78189
DOI: https://doi.org/10.18012/arf.v13i2.78189
Recebido: 12/03/2026 | Aceito: 30/08/2026
CC BY 4.0: https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/

A epistemologia das teorias da conspiração

[The epistemology of conspiracy theories]

Daniel Borgoni[1]
Universidade Federal do ABC Brasil

Resumo: Embora possam ser intrigantes, teorias da conspiração são potencialmente perigosas para a sociedade quando são sistemas de crenças desconexas da realidade. Neste caso, colocam pessoas em risco e devem ser combatidas. O objetivo deste artigo é tratar das teorias conspiratórias sob a perspectiva da epistemologia. Nesse sentido, veremos como elas são obstáculos ao conhecimento e mapearemos algumas das dificuldades encontradas quando tentamos refutá-las no campo da argumentação. Também exporemos e analisaremos o padrão uniforme de Cassam (2019) para avaliar a racionalidade das teorias da conspiração, segundo o qual poderíamos identificar teorias da conspiração improváveis de serem verdadeiras por meio de certas falhas epistêmicas que as denunciariam como sistemas de crenças irracionais.
Palavras-chave: teorias da conspiração; epistemologia; racionalidade; crenças; sociedade epistemologia; racionalidade; crenças; sociedade

Abstract: Although conspiracy theories can be intriguing, they can be potentially harmful to society when are belief systems disconnected from reality. In this case, they put people at risk and so we must fight back against them. The aim of this paper is deal with conspiracy theories in the perspective of epistemology. We will see they are obstacles to knowledge and we will map out some difficulties encountered when we try to refute them in the field of argumentation. We will also present and analyze Cassam's uniform standard for evaluating the rationality of conspiracy theories, according to which we would identify conspiracy theories unlikely to be true through epistemic faults that would show they are systems of unwarranted beliefs.
Keywords: conspiracy theories; epistemology; rationality; beliefs; society

Introdução

Teorias da conspiração sempre existiram, permeando o imaginário das pessoas, influenciando comportamentos e motivando ações, mas devido à velocidade e capacidade dos atuais meios de transmissão de informação, nunca foi tão fácil e rápido disseminá-las e acessá-las. Elas podem versar sobre os mais variados assuntos, envolver eventos locais, ocorrências globais e fatos históricos, podendo ser

1 *Professor Visitante da Universidade Federal do ABC (UFABC). Tem pós-doutorado em filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Fez estágio de pesquisa doutoral na Université du Québec à Montréal (UQÀM) com bolsa canadense. No Brasil teve bolsa CAPES. Tem experiência em filosofia da mente e filosofia da percepção. Além de artigos acadêmicos, tem contribuído para a educação e o pensamento crítico por meio de artigos em revistas voltadas para o público não acadêmico. Atualmente faz pesquisa sobre o monismo neutro. E-mail: danielborgoni@gmail.com*

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.2, Out., 2026, p.1-12 / e.78189

suficientemente intrigantes e sedutoras para motivar as pessoas a propagá-las e discuti-las. Complexo e multifacetado, o fenômeno das teorias da conspiração tem sido objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento humano, tais como a filosofia, a psicologia e as ciências políticas.

Embora possam parecer intrigantes e algumas delas serem aparentemente inofensivas, teorias da conspiração podem ser potencialmente perigosas para a sociedade quando propagam crenças desconexas da realidade, se constituindo como um sistema de crenças injustificadas e, portanto, com potencial de causar danos ao bem-estar comum. Por isso, o *Federal Bureau of Investigation* (FBI) está começando a considerar quem as propaga como uma ameaça à segurança nacional dos Estados Unidos, informa Uscinski (2020, p.vii). Esse perigo ficará evidente quando eu expor os danos que algumas teorias conspiratórias têm causado às pessoas e ao planeta como um todo.

Mas se por um lado existem teorias conspiratórias prejudiciais à sociedade justamente por serem indiferentes à verdade, a história mostra que várias delas se mostraram verdadeiras, tais como os casos Watergate[2] e Irã-Contras[3]. Então, de um lado, existem teorias conspiratórias que promovem falsas crenças, devendo ser combatidas e refutadas, pois podem levar e levam as pessoas ao erro, colocando-as em risco, tal como a que faz uma associação causal entre a vacina tríplice e o autismo. De outro lado, existem teorias sobre conspirações que devem ser levadas a sério, visto que denunciam conspirações reais. Torna-se, assim, necessário diferenciá-las, para saber quais teorias conspiratórias devem ser combatidas e refutadas, as quais me referirei a partir de agora por "teorias da conspiração".

Para isso, filósofos e filósofas têm procurado e proposto padrões nas teorias conspiratórias que denunciariam sua irracionalidade, ou seja, características uniformes que mostrariam que elas são defeituosas em termos epistêmicos. Nesse sentido, veremos e analisaremos o padrão avaliativo proposto por Quassim Cassam (2019), segundo o qual poderíamos identificar teorias da conspiração como sistemas de crenças injustificadas e, portanto, irracionais.

O objetivo deste artigo é tratar das teorias conspiratórias sob a perspectiva da epistemologia. Para isso, primeiro exemplificaremos o

2 Foi a teoria proposta por Bob Woodward e Carl Bernstein, jornalistas do The Washington Post, segundo a qual o presidente Richard Nixon estava conspirando contra os cidadãos do seus país ao contratar pessoas para implantar escutas telefônicas na sede do Partido Democrata. Essa conspiração foi desmascarada com a ajuda de um integrante do FBI, que ajudou os jornalistas a justificarem a existência da relação entre o então presidente dos Estados Unidos e as pessoas que implantaram as escutas no partido adversário.

3 Conspiração ocorrida durante o mandato do presidente Ronald Regan, no qual membros do poder executivo dos Estados Unidos, contra o Congresso e os acordos de comercialização de armas, trocavam armas por reféns com o Irã. Ao ser revelado pela mídia em 1986, se tornou um escândalo político, visto que os Estados Unidos faziam parte do acordo que propunha um embargo internacional de comercialização de armas a países considerados hostis, tal como o Irã.

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.2, Out., 2026, p.1-12 / e.78189

fenômeno para sabermos do que se trata e justificar seu caráter danoso. Na seção seguinte veremos como teorias conspiratórias são obstáculos ao conhecimento, termo aqui entendido como crença verdadeira e justificada, e mapearemos algumas das dificuldades encontradas quando tentamos refutá-las no campo da argumentação. Então, faremos um interlúdio, expondo a questão do comprometimento pessoal com crenças conspiratórias. Na penúltima seção trataremos do padrão uniforme que Cassam (2019) defende existir e que mostrariam a irracionalidade das teorias da conspiração. Por fim, farei as considerações finais. Dado que o fenômeno em questão é objeto de estudo de outras áreas do conhecimento, também espero contribuir para tal debate interdisciplinar.

Os danos

Teorias da conspiração são um sério problema contemporâneo, pois têm causado e podem causar sérios danos individuais, coletivos e sociais. Considere a teoria conspiratória propagada por Jim Garrison, segundo a qual Clay Shaw estaria envolvido numa conspiração para matar John F. Kennedy. Ainda que nunca tenha existido evidência do seu envolvimento na morte de Kennedy e provas tenham demonstrado que foi Lee Harvey Oswald quem o matou por motivos pessoais, Shaw teve sua reputação e economias arruinadas, lutando até seus últimos dias contra essa teoria conspiratória.

Coletivamente, imagine os efeitos corrosivos à comunidade judaica resultantes da teoria da conspiração segundo a qual o Holocausto é um mito criado para servir aos interesses judeus. Não faltam evidências documentais para demonstrar a irracionalidade de se acreditar nisso. Também digna de destaque é a xenofobia causada por teorias que afirmam que o governo de certos países conspira contra seus cidadãos ao ocultar destes os verdadeiros custos imigratórios.

Em nível de sociedade, teorias conspiratórias antivacina, como aquelas que foram propagadas durante a epidemia de Covid-19 no Brasil, colocam o coletivo em risco, uma vez que podem causar desconfianças quanto à seguridade e eficácia das vacinas. Igualmente danosas são as teorias da conspiração que afirmam que o aquecimento global é uma fraude deliberada. Negar esse fato científico pode fazer com que as pessoas pensem que normas para combater o aquecimento global não sejam necessárias e não se preocupem com suas pegadas de carbono.

Não raro, teorias conspiratórias são propagadas por dirigentes de Estado. Thabo Mbeki, presidente da África do Sul entre os anos 1999 e 2008, influenciou negativamente as políticas públicas de combate a Aids naquele país motivado pela crença irracional que dissociava o HIV da Aids. Propagador dessa teoria, ele impediu o uso de antirretrovirais para

a prevenção e o tratamento do vírus da Aids, causando uma explosão de casos dessa doença naquele país, problema que aflige o povo sul-africano até hoje.

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.2, Out., 2026, p.1-12 / e.78189

A democracia também pode ser ameaçada quando seus líderes e seguidores aderem a teorias conspiratórias, seja porque de fato creem nelas, seja porque as utilizam a favor de suas agendas políticas. A ameaça à democracia é geralmente revelada na maneira como os presidentes eleitos com a ajuda delas dirigem seu governo. Por exemplo, Uscinski (2020, p.6) afirma que os eleitores na Turquia, acreditando em teorias da conspiração, elegeram Recep Erdogan presidente, de modo que o país é conhecido pelas políticas de violação dos direitos humanos em larga escala. Teorias conspiratórias também ajudaram a criar o clima político propício para que Jair Bolsonaro ganhasse votos e fosse eleito presidente do Brasil em 2018. Uma delas afirmava que a esquerda estava conspirando para tornar o Brasil um país comunista e isso aconteceria caso o candidato concorrente ganhasse as eleições, hipótese implausível por não ter lastro conjectural e não ser baseada em informação crível. Durante seu mandato, a democracia foi atacada constantemente, culminando no golpe fracassado de 08 de janeiro de 2023.

De fato, utilizar teorias conspiratórias para cumprir uma agenda política é algo recorrente na história dos povos. Nesse sentido, não poderia deixar de citar que Hitler as utilizava para justificar as ações antissemitas da Alemanha e Stalin as utilizou para matar e aprisionar seus detratores (Uscinski, 2020, p.9). Isso mostra que teorias conspiratórias não são utilizadas exclusivamente por um espectro político.

Para citar um último exemplo, teorias da conspiração podem ser colocadas a favor de cumprir pontos específicos de uma agenda política. Por exemplo, em 2012 Adam Lanza atirou em 26 pessoas na escola de ensino fundamental Sandy Hook, em Newtown, Connecticut. Surgiram teorias da conspiração dizendo que este fato era uma farsa governamental e que ninguém tinha morrido. Sua justificava era a de que o governo estadunidense criou essa farsa para pressionar políticas de controle de armas. Devemos, então, nos perguntar a quem interessava negar o evento na escola Sandy Hook. Ora, interessava a quem é favorável à política armamentista.

Obstáculos ao conhecimento

Como vimos, teorias conspiratórias desafiam nossas autoridades epistêmicas, tais como a Academia, cientistas, especialistas, instituições de pesquisa, jornalistas e imprensa ao oferecer relatos alternativos para eventos e acontecimentos, ainda que já exista um amplo consenso entre os especialistas sobre a veracidade destes, tais como a de que a Terra é

redonda, que o Holocausto existiu, que o ser humano pousou na Lua e que não existe relação causal entre autismo e a vacina tríplice.

Segundo quem as defende, teorias da conspiração oferecem melhores explicações do que as explicações oferecidas por nossas autoridades epistêmicas. Ao rivalizar com as explicações oficiais, teorias conspiratórias desacreditam fontes de informação qualificadas e fidedignas, fatos históricos claramente documentados e métodos rigorosos de obtenção e checagem de informação que a ciência, o jornalismo e a investigação acadêmica utilizam para gerar conhecimento confiável. Por isso, teorias da conspiração são um obstáculo ao conhecimento, especialmente em sociedades abertas, como o Brasil, nas quais existem mecanismos de checagem da informação, critérios pré-estabelecidos de validação do conhecimento e liberdade de imprensa e expressão.

Note que não se trata de afirmar que nossas autoridades epistêmicas são infalíveis ou não possam estar envolvidas em corrupção, contestações usualmente feitas pelos teóricos da conspiração quando querem rebater a explicação oficial para um evento. Ainda que nossas autoridades epistêmicas tenham cometido e possam cometer erros, quando comparamos as explicações por elas oferecidas com as explicações propostas por teorias conspiratórias, na quase totalidade das vezes nossos especialistas estão certos sobre as razões pelas quais um evento ocorreu ou fornecem as melhores evidências em suporte de uma explicação. Ou seja, na vasta maioria das vezes as teorias oficiais estão corretas e as teorias da conspiração estão erradas.

Dado que teorias da conspiração são obstáculos ao conhecimento, influenciando pessoas a endossarem crenças irracionais, colocando vidas em risco e influenciando eleições, elas precisam ser rebatidas e desmanteladas. Contudo, não tem sido fácil lutar contra elas e fazer com que as pessoas que nelas acreditam deixem de avalizá-las. Algumas das dificuldades de contestá-las no campo da argumentação são as seguintes:

Auto-vedação: Em análise às tentativas de refutar as crenças propagadas por teóricos da conspiração, Sunstein & Vermeule observam que "as mais diretas técnicas governamentais para dissipar falsas (e também prejudiciais crenças) – fornecendo informação pública crível - não funcionam para teorias da conspiração" (2009, p.207). Diferentemente de falsas crenças que provêm de simples informações errôneas, cujas técnicas de desmascaramento e retificação de crenças usualmente utilizadas têm tido sucesso, teorias da conspiração parecem ter uma resistência extra, parecendo ser auto-vedadas à argumentação contrária.

Efeito reverso: Estudos de Merkey (2020) e Nylan & Reifler (2010) identificaram outro problema: tentativas de argumentar contra teorias conspiratórias por meio de correções de crenças, ou seja, apresentando razões que as refutariam e fornecendo informações corretas, podem produzir o efeito contrário, fazendo com que crentes em teorias conspiratórias se

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.2, Out., 2026, p.1-12 / e.78189

tornem mais comprometidos com elas[4]. Cassam (2019, p.57) observa esse fenômeno no campo político. Quanto mais politicamente compromissada a pessoa estiver com uma teoria da conspiração, mais as tentativas de correção de crenças reforçarão suas crenças conspiratórias. Por isso, estratégias de contenção e desmantelamento de teorias conspiratórias devem levar em consideração essa dificuldade.

Epistemologia defeituosa: justificativas oferecidas a favor de uma teoria conspiratória podem parecer plausíveis e suficientemente convincentes para não especialistas ou para quem não sabe justificar suas crenças, ainda que estas crenças façam parte de certo senso comum. Como exemplo, considere a teoria conspiratória segundo a qual o pouso lunar foi um embuste criado pelo governo dos Estados Unidos. Suas justificativas costumam ser: 1) Na corrida espacial com a União Soviética, que já tinha colocado o primeiro ser vivo e o primeiro ser humano em órbita, os Estados Unidos utilizaram um estúdio para forjar os pousos lunares das missões Apollo; 2) As filmagens feitas pelos astronautas em solo lunar não apresentam estrelas ao fundo, corroborando a tese do falso pouso lunar; 3) Não se explica quem filmou Neil Armstrong dando o primeiro passo de um ser humano na Lua e 4) A Apollo 11 queimaria ao passar pelo cinturão de Van Allen, um cinturão de radiação ao redor da Terra constituído por elétrons de alta energia.

As quatro justificativas para a teoria conspiratória de que o pouso lunar foi uma fraude podem ser convincentes para quem não têm conhecimento técnico sobre certos aspectos que envolvem a missão Apollo, mas não resistem ao escrutínio. Se não, vejamos. A primeira das justificativas acima não se sustenta porque existem evidências irrefutáveis de que estivemos na Lua. Por exemplo, os astronautas da Apollo 11 colocaram um espelho em solo lunar para efetuarmos medições e acompanharmos a variação de distância que ocorre entre a Terra e a Lua, o que comprova que estivemos lá. Além disso, o vôo da Apollo 11 foi monitorado por outros países. Em resposta à segunda justificativa, estrelas não aparecem nas fotografias dos astronautas porque a câmera foi ajustada em terra para tirar fotos de eventos próximos[5]. Sobre a foto do primeiro ser humano pisando na Lua, um dispositivo com uma câmera fotográfica acoplado no módulo lunar foi projetado para se abrir e tirar a foto de Neil Armstrong. Por fim, o cinturão de Van Allen pode ser atravessado em certos momentos e em certas regiões.

Não-falseabilidade: No entender de Uscinski (2020, p.28), teorias da conspiração são resistentes a evidências contrárias porque não são falseáveis. Falseabilidade é uma característica do pensamento científico, defendera Popper (1934), de modo que para uma hipótese ou uma teoria

4 O efeito reverso também ocorre quando se tentam derrubar *fake fews* por meio de razões contrárias (Levy & Ross, 2021).

5 Lembremos, o ano era 1969 e as câmeras fotográficas não tinham manuseio simples como as câmeras atuais. Além disso, deixar a câmera ajustada era uma tarefa a menos para os astronautas.

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.2, Out., 2026, p.1-12 / e.78189

ser falseável deve especificar as condições de teste que permitam que esta teoria seja confrontada com a realidade, fazendo afirmações precisas e claramente afirmativas. É preciso haver uma ou mais proposições de observação que sejam inconsistentes com a teoria e que, se estabelecidas, falsificam a teoria. Ser falsificável implica ser informativa, pois elimina diversas proposições possíveis de como as coisas poderiam ser. Assim, uma teoria falseável é uma teoria passível de ser falsa, justamente porque não é imune a razões que, se confirmadas, refutam a teoria. Tomemos um exemplo.

Umas das previsões feitas pela teoria da relatividade geral foi que a luz se curvaria diante de objetos muito massivos, como estrelas. Dentre outras de suas afirmações falseáveis, a afirmação de que grandes massas curvam a luz falsificaria essa teoria caso se verificasse que a luz não se curva diante de objetos massivos, o que não foi o caso. A curvatura da luz pelo Sol foi verificada experimentalmente em 1919 na cidade de Sobral, Ceará, durante um eclipse solar, o que fez a teoria da relatividades sobreviver a essa previsão audaciosa. Mas note que a teoria da relatividade não deixou de ser falseável, ainda que a previsão acima tenha sido verificada.

Sob essa ótica, de um lado teríamos as teorias propostas por nossas autoridades epistêmicas, que não são imunes a razões. Do outro lado, teríamos teorias da conspiração, imunes a razões justamente porque não são falseáveis, o que explicaria a dificuldade de se combatê-las no campo da racionalidade. Isso explicaria o caráter auto-vedante das teorias conspiratórias apontado por Sunstein & Vermeule (2009).

Interlúdio: o comprometimento pessoal

A auto-vedação, o efeito reverso e a não-falseabilidade, dificuldades apontadas no combate às teorias da conspiração, parecem indicar que elas não respondem a razões e, portanto, não miram a verdade. Desse modo, quem as defende estaria passionalmente comprometido com elas, ou seja, as crenças conspiratórias não seriam baseadas em razões, mas em fatores de ordem pessoal, ainda que a pessoa defenda e acredite que são razões que sustentam essa ou aquela teoria da conspiração. Nesse sentido, fatores psicológicos, sociológicos e cognitivos têm sido propostos e debatidos com o objetivo de explicar porque pessoas acreditam em teorias conspiratórias, algumas delas claramente falsas, como a que sustenta que a Terra é plana.

Segundo Uscinski (2020, p.66), a literatura psicológica focaliza em três potenciais motivos pelos quais pessoas acreditam em teorias da conspiração, quais sejam, características cognitivas, traços de personalidade e condições psicológicas, como por exemplo a paranoia. Isso explicaria porque algumas pessoas tendem a crer em conspirações mais do que outras. Cassam (2019) também identifica esses fatores, mas argumenta

que explicações de ordem psicológica não são suficientes para explicar a crença em teorias conspiratórias. Uma das hipóteses levantadas por ele é que pessoas as endossam porque se adequam aos seus compromissos ideológicos.

Então, acreditar em teorias conspiratórias não seria somente uma questão de falta de reflexão sobre seu conteúdo ou falta de conhecimento que permitiria à pessoa desvelar sua inconsistência, isto é, não se trata apenas da falha em avaliar racionalmente as justificativas para certa teoria da conspiração, mas de estar compromissado com ela em nível pessoal. No limite, afirma Cassam (2019, p.65), tentativas de rebater teorias conspiratórias são entendidas por quem nelas acredita como ataques pessoais.

Desse modo, penso que o problema das teorias conspiratórias deve ser atacado em duas frentes. A primeira é mostrando sua fragilidade epistêmica e as refutando com evidências contrárias e sólidas. Mas desafiar o conjunto de crenças conspiratórias apresentando razões que as refutam pode não surtir efeito, pois as pessoas podem estar comprometidas de modo não racional com suas crenças. Desse modo, seria preciso ter clareza do que está envolvido psicologicamente na adesão das pessoas às conspirações que endossam, de modo a elaborar outras estratégias de resposta ao problema.

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.2, Out., 2026, p.1-12 / e.78189

Um padrão para avaliar teorias conspiratórias

Cassam (2019) é um filósofo que tem defendido que teorias conspiratórias apresentam falhas epistêmicas que as tornam sistemas de crenças irracionais, o que as diferenciaria de teorias que denunciam conspirações reais. Em outras palavras, teorias da conspiração seriam improváveis de serem verdadeiras por terem características que as tornam implausíveis em design, isto é, as crenças que as sustentam seriam *prima facie* irracionais. Nesse sentido, uma vez identificado tal padrão, poderíamos avaliar uma teoria da conspiração como improvável de ser verdadeira.

No entanto, não existe consenso filosófico sobre a existência de um marco epistêmico que indicaria quais teorias da conspiração seriam sistemas de crenças irracionais. No entender de Dentith (2014), não existiria um padrão uniforme presente nas teorias da conspiração pelo qual poderíamos concluir sobre sua irracionalidade. Nesse sentido, Dentith afirma que os problemas epistêmicos apontados nas teorias conspiratórias são compartilhados com teorias que tentam explicar fenômenos sociais complexos, defendendo que "as falhas epistêmicas normalmente associadas com teorias conspiratórias são falhas epistêmicas para crenças em geral" (2014, p.176). Sob essa ótica, não seria possível saber da irracionalidade

de uma teoria da conspiração sem acessá-la particularmente.

Apesar da falta de consenso filosófico sobre a existência de um padrão uniforme nas teorias conspiratórias que as denunciem como sistemas de crenças irracionais, padrões avaliativos foram propostos, tal como o proposto por Cassam (2019), o qual exporemos e analisaremos abaixo.

No entender de Cassam (2019), os aspectos que evidenciariam o caráter errático de uma teoria conspiratória, tornando-a improvável de ser verdadeira, são as seguintes: 1) *especulativa*, no sentido de que se baseiam em conjecturas e não em conhecimento, de modo que tais conjecturas seriam baseadas em algum nível de informação sobre o tema, isto é, suposições com algum fundamento, mas não suficientemente fundamentadas para se tornarem evidências sólidas; 2) *contr*ária *por natureza*, isto é, se opõem às explicações oficiais, rejeitando, portanto, o veredito final das nossas autoridades epistêmicas, ainda que estas explicações sejam consistentes e encerrem o caso; 3*) ar esotérico*, na medida em que promovem a visão de que as coisas não são como parecem ser, ainda que se tratem de explicações óbvias sobre acontecimentos e suficientes para explicá-los. Nesse sentido, existiria algo oculto que seria supostamente desvelado pelas teorias conspiratórias; 4) *amadora*, pois quem as defende usualmente não tem qualificação suficiente para garantir uma análise epistemologicamente confiável. E quando dizem se basear em fontes qualificadas para sustentar teorias da conspiração, ou são fontes desacreditadas pelos pares, tal como Andrew Wakefield, médico inglês que publicou na revista *Lancet* um estudo que associou o autismo à vacina tríplice[6], ou são pessoas que constituem uma pequena minoria[7]; 5) *pré-moderna*, isto é, incorporam uma visão de mundo ultrapassada, no que diz respeito a como eventos complexos acontecem, ou seja, a visão de que eventos complexos podem ser controlados por um pequeno número de pessoas em segredo.

Cassam (2019) reconhece que as características acima não garantem que uma teoria conspiratória seja falsa, pois não implicam na sua impossibilidade. Contudo, defende que uma teoria que se mostra especulativa, amadora, contrária à explicação oficial, esotérica e pré-moderna, ou seja, que apresente todas estas características, é improvável de ser verdadeira. Em conjunto, estas cinco características comporiam o padrão uniforme que indicaria a improbabilidade de teorias da conspiração terem lastro na realidade.

Posto o critério avaliativo para teorias da conspiração, vejamos como

---

6 Após a publicação do referido artigo, foram encontradas falhas graves nas elaboração da pesquisa, de modo que o mesmo foi retirado da revista. Por sua vez, o autor principal perdeu o registro do Conselho Médico do Reino Unido.

7 Note que não se trata de afirmar que "minorias" estão erradas, mas quando se trata de teorias da conspiração, minorias que apoiam certa teoria conspiratória geralmente estão erradas nas suas afirmações.

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.2, Out., 2026, p.1-12 / e.78189

ele funciona na prática. Analisemos a "teoria conspiratória 11/9", segundo a qual o governo dos Estados Unidos conspirou contra seus cidadãos ao ter sido o responsável pelo atentado às torres gêmeas. Dois fatores motivam analisar essa teoria conspiratória. O primeiro reside no fato que muitas pessoas, especialmente estadunidenses, a endossam[8], contrariando a explicação oficial oferecida pelas autoridades epistêmicas daquele país. O segundo é que ela não parece estar conclusivamente refutada. Vejamos do que se trata.

Em 11 de setembro de 2001, dois aviões comerciais de grande porte colidiram propositadamente com o World Trade Center, centro empresarial composto por dois edifícios localizados em Nova Iorque com 110 andares cada, ocasionando o desmoronamento de ambos cerca de duas horas depois do impacto e a morte de cerca de 3 mil pessoas. Após uma longa investigação envolvendo autoridades aeronáuticas e agências de inteligência, como o *Federal Bureau of Investigation* (FBI), concluiu-se que os aviões tinham sido sequestrados por terroristas da al-Qaeda (que posteriormente assumiu os ataques) e foi o impacto das aeronaves a causa do desmoronamento das torres.

Pois bem, rivalizando com a explicação oficial acima, encontramos a teoria da conspiração 11/09, segundo a qual os atentados terroristas às torres gêmeas foi o resultado da ação do governo estadunidense para justificar a invasão ao Afeganistão. Apologistas dessa teoria também afirmam que a colisão dos aviões comerciais com os dois edifícios não seria suficiente para derrubá-las, já que elas tinham sido construídas para resistir a colisões com aeronaves. Outro motivo alegado pelos crentes dessa teoria é que os prédios caíram como se houvesse uma demolição controlada, isto é, verticalmente, andar por andar. Assim, explosivos implantados nelas pelos conspiradores do governo teriam feito parte do trabalho de derrubada das torres.

Temos, então, duas teorias rivais, uma oficial e uma conspiratória que concorre com a primeira pela melhor explicação para o atentado às torres gêmeas. Analisando a teoria conspiratória 11/9 segundo o padrão avaliativo de Cassam (2019), entendo que ela atende a este, exibindo as seguintes falhas epistêmicas: i) ela é especulativa, na medida em que não existem evidências que mostrem a participação do governo dos Estados Unidos nesse atentado; ii) é contrária à explicação de diversas autoridades epistêmicas que avaliaram o acontecimento, tal como a de peritos em acidentes aeronáuticos; iii) tem um ar esotérico, pois rejeita que aviões podem derrubar prédios enormes. Mesmo que tenham sido construídas para resistir ao impacto de aeronaves, o relatório oficial concluiu que as altas temperaturas atingidas no interior dos prédios amoleceram as vigas de metal. Ademais, a própria al Qaeda se responsabilizou pelos atentados; iv)

8 Segundo Hargrove (2006), cerca de um terço dos estadunidenses desconfia que o governo está envolvido com a derrubada das torres gêmeas.

é amadora, pois quem as defende não tem formação suficiente para avaliar o que pode e o que não pode acontecer com a colisão de aviões em edifícios. Nesse sentido, o *National Institute of Standards and Technology* (NIST) explica a suposta demolição controlada por meio do alto aquecimento dos matérias metálicos com o impacto das aeronaves e o fogo decorrente, cuja resistência foi reduzida drasticamente, e v) ela é pré-moderna, pois a criação de um evento complexo como este envolveria milhares de pessoas e diversas agências e instituições, tornando precário e frágil o controle de informações que desvelassem essa suposta conspiração governamental.

Desse modo, a teoria da conspiração do 11/9 é improvável de ser verdadeira, pois contém falhas epistêmicas que as torna um sistema de crenças injustificadas. Embora não se possa eliminar sua viabilidade, penso que o padrão avaliativo de Cassam (2019) nos aponta o caminho certo no caso estudado, pois se compararmos a teoria oficial sobre o evento em questão com sua rival conspiratória, as justificativas em prol da primeira são mais fortes do que as justificativas conspiradoras.

Considerações finais

Teorias da conspiração estão por aí, a nos seduzir, entreter e cooptar. No entanto, vimos o quão prejudiciais elas podem ser e, portanto, devem ser combatidas e desmanteladas. Contudo, não tem sido fácil contestá-las no campo da argumentação, isto é, fazer com que as pessoas deixem de acreditar em teorias conspiratórias somente apresentando razões contrárias às suas crenças, o que parece mostrar a existência de um comprometimento pessoal com elas. Nesse sentido, a dificuldade de contestá-las em nível racional evidencia seu caráter irracional, revelando que elas não miram a verdade.

Um importante passo na luta contra teorias da conspiração tem sido tentar encontrar um padrão avaliativo que as denunciaria como sistemas de crenças irracionais. Ainda que tenham sido propostos padrões para avaliar a irracionalidade de teorias conspiratórias, não existe consenso sobre sua existência. Então, permanece a pergunta: existe um marco comum às teorias conspiratórias que as desvelem como um sistema de crenças irracionais ou não é possível saber da sua irracionalidade sem acessá-las particularmente?

Dado que teorias da conspiração são um sistema de crenças desconexas da realidade, devemos nos perguntar para qual propósito ou a quem servem, bem como quais os fatores necessários para dissuadi-las e que poderiam ser aplicados em políticas públicas. Nesse sentido, penso que ao menos são dois os fatores que devem ser considerados. O primeiro é o fator epistêmico, ou seja, é preciso desmantelar o conjunto de crenças que sustenta teorias conspiratórias, seja por meio de razões contrárias

que revelem sua epistemologia defeituosa, seja por meio de um padrão avaliativo que mostre sua irracionalidade. O segundo é o fator passional, ou seja, é preciso entender qual o tipo de comprometimento pessoal que as pessoas mantém com as conspirações que endossam. Independentemente dos motivos pelos quais as pessoas acreditem em teorias conspiratórias, lutar contra elas é uma necessidade imperiosa.

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.2, Out., 2026, p.1-12 / e.78189

Referências

CASSAM, Quassim. *Conspiracy Theories*. Cambridge: Polity Press, 2019.

DENTITH, Matthew. *The philosophy of conspiracy theories*. Palgrave Macmillan, 2014.

HARGROVE, Thomas. Third of Americans Suspect 9/11 Government Conspiracy. In: *Scripps News*, August 1, 2006.

LEVY, Neil; ROSS, Robert. The cognitive science of fake news. In: Hannon, M; de Ridder, J. (Orgs.) *Routledge Handbook of Political Epistemology*. London: Routledge, 2021.

MERKLEY, Eric. Anti-Intellectualism, Populism and Motivated Resistance to Expert Consensus. In: *Public Opinion Quarterly*, v. 84, p. 24-48, 2020.

NYHAN, Brendan; REIFLER, Jason. When Corrections Fail: The Persistence of Political Misperceptions. In: *Political Behavior*, v.32, p. 303-330, 2010.

POPPER, Karl. *A lógica da pesquisa científica*. Trad: Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 1974 [1934].

SUNSTEIN, Cass; VERMEULE, Adrian. Conspiracy Theories: Causes and Cures. In: *Journal of Political Philosophy,* v. 17(2), p. 202–227, 2009.

USCINSKI, Joseph. *Conspiracy Theories: a primer*. London: Rowman & Littlefield, 2020.